CAPELA DE NOSSA SENHORA DA ESPERANÇA DE LANHESES

Por EUCLIDES RIOS *

O património arquitectónico de Lanheses, herdado do passado, é escasso, uma vez que na freguesia não existia granito ou outra pedra nobre que possibilitasse construir edifícios duradouros. Na sua parte mais baixa, abundam os terrenos barrentos, que lhe permitiram, durante séculos, ser terra de cerâmica e olaria; nas partes mais altas, e em profundidade, encontra-se um material xistoso, algum de cor escura e de grande dureza, que o povo chama piçarra.

Por isso, a maioria dos edifícios era feito dessa piçarra miúda que, sem argamassa, desmoronava com facilidade ou, então, utilizavam-se muros de taipa - mistura de terra argilosa, pequenos seixos e areia, fortemente batida entre dois taipais. Estas paredes eram pouco resistentes ao desgaste do tempo, mas ainda hoje se vêem resquícios delas em várias ruínas.

Daí que as construções que resistiram aos decénios ou aos séculos, foram construídas com granito transportado, desde Cardielos ou Fontão, por caminhos difíceis, em morosos carros de bois. Era este um encargo que a grande maioria dos moradores da freguesia não podia suportar.

Entre o património arquitectónico religioso da freguesia restou

^{*} Assessor de imprensa do Presidente da Câmara Municipal de Viana do Castelo.

a Igreja, de estilo muito singelo e despretensioso, e algumas capelas. Entre estas, várias desapareceram como a de S. Simão, em Salvaterra; a de S. Filipe, na quinta do mesmo nome, na Granja; a da Senhora do Pilar, no Romão.

Existem ainda as capelas do Senhor do Cruzeiro e das Necessidades, junto à Igreja; a de Nossa Senhora da Esperança, na Barrosa; a de Santo Antão, no lugar do mesmo nome; a de S. João, Forcada/Sobral; a do Senhor dos Passos ou de S. Frutuoso, no lugar do Outeiro; e a de S. Sebastião, dentro da Carreira da Casa do Paço.

É inegável que a capela do Senhor do Cruzeiro é, arquitectonicamente, a mais valiosa e rica em ornamentação de granito lavrado. No entanto, porque já é suficientemente conhecida e também por existir um fac-simile em Carreço, prefiro dar a conhecer a capela de Nossa Senhora da Esperança, porque, apesar de despojada de importantes e valiosos elementos artísticos, ainda oferece motivos de algum interesse.

Um pouco de história

A capela actual é herdeira de uma ermidinda que, sob a mesma invocação, existiu, pelo menos desde 1540, 70 metros a Norte da localização da actual. Em Novembro de 1732, encontrava-se em grande ruína e, constando ao Visitador que havia quem a quisesse reconstruir, este urgiu com Pároco para que aproveitasse esta oportunidade.

Quem aproveitou a ocasião foi o Pe. Francisco Alves Franco, que granjeara grande fortuna no Brasil, que lhe permitiu comprar a Quinta da Barrosa, também chamada Quintã, e reconstruir, nessa propriedade, setenta metros a Sul da ermidinha, uma nova capela.

Os documentos consultados atestam que a construiu com grandeza. O pequeno templo mede, pelo exterior, cerca de 18,60 metros de cumprimento e 8,50 metros de largura.

Como se pode ver pela fotografia, a edificação sacra abre para o Sul com uma grande porta arcada e dois janelões que dão para uma antecâmara ou espaçoso átrio. No arco da porta arcada pode ler-se:



SPES NOSTRA + SALVE (Esperança nossa, Salve!)

Mais acima, em almofadas laterais, uma de cada lado, encontramos as conhecidas saudações à Virgem:

AVE REGINA AVE DOMINA
COELORUM ANGELORUM
(Ave, Rainha dos Céus) (Ave, Senhora dos Anjos)



Na cornija em que assenta o tímpano, escreveu-se:

No pedestal da cruz que remata o frontespício, lá bem no alto, encontra-se, bem legível, a data da construção:

1737

Ao entrar na antecâmara, na padieira (lintel) da porta principal, que dá acesso ao corpo da capela, pode ler-se, em três linhas, esta habilidosa e subtil inscrição que assume aspectos de cifra:

QU	V	A	P	C	D	TR
ALIS	IVUS	MOR	ATRIS	UM	IADE	INA.
T	$^{\circ}$ D	A	M	C	TR	В

Descendo as letras da primeira linha para a segunda temos: QUALIS VIVUS AMOR PATRIS CUM DIADE TRINA

E, depois, subindo as letras da terceira linha para segunda temos:

TALIS DIVUS AMOR MATRIS CUM TRIADE BINA.



Testemunha, o Inspector Gabriel Gonçalves, em artigo publicado na revista "Arquivo do Alto Minho" que dentro da capela havia "um riquíssimo retábulo de talha doirada, de custosa fábrica, onde caprichou o Pe. Franco e que não desmerece de nenhum outro da mesma época, que conhecemos". O mesmo autor, na obra inédita "Lanheses — Subsídios para uma Monografia", informa que também lá havia "antigas e valiosas

imagens". Eu próprio as vi várias vezes, quando, nos últimos anos da década de 40, do século passado, visitei, com meus tios padres, Miguel Tinoco, último senhor da Casa da Barrosa. Lembre-se que uma dessas imagens era a do altar (só tinha um) e foi mandada esculpir em Lisboa, transportada de barco para Viana de onde, também de barco, subiu o rio Lima até Lanheses. Aqui foi recebida por numerosos devotos que a levaram, entre cânticos e ladainhas, em procissão, até à capela onde ficou entronizada. Corria o ano de 1737.

O pequeno templo, de alto e solene pé direito, tem espaço para acolher, por trás da capela-mor, uma pequena sacristia e outros cómodos. A parede lateral do lado Nascente tem espessura que possibilitou a construção, no seu miolo, de uma escada por onde se sobe para um amplo coro. Em frente capela ainda lá está o cruzeiro de Nossa Senhora da Esperança mandado erguer, em 1782, pelo visitador eclesiástico que, igualmente, impôs à freguesia a obrigação de rebocar e caiar as paredes.

Como o fundador morrera em 9 de Abril de 1749, tendo feito testamento em 1744, deduz-se, que se a freguesia tinha obrigação de curar a capela, é porque esta lhe pertencia, quer porque a primitiva

já era pública, quer porque o fundador da nova a legou à paróquia. A capela, por testamento e depois por sucessivos aditamentos, estava onerada por pesados legados pios que Miguel Tinoco, último representante da linhagem, remiu, junto da Cúria Arquidiocesana, em Agosto de 1934, por 30.000\$00. Foi esta verba que, durante muito tempo, suportou a celebração, na Igreja paroquial, de uma segunda missa dominical que o povo chama a missa do dia.

O Pe. Francisco Alves Franco, também construiu, no local, a sua residência que ficou separada da capela pelo velho caminho que dava para a Igreja. Esse caminho foi, em 1932, substituído pela estrada municipal que leva ao Torgal e que deixou de passar entre a casa e a capela, localizando-se, actualmente, do seu lado Nascente. Esse novo traçado obrigou a que o cruzeiro, que assinalava, à entrada do caminho para Casal Maior, o local da primitiva capela, fosse transferido para o sítio onde hoje está: no entroncamento da estrada municipal com o caminho para a Rebiqueira, perto do edifício que, até há pouco, serviu de quartel à GNR.

A casa construída pelo sacerdote fundador, com seu arquivo, importante documentação e valioso mobiliário, foi completamente consumida pelo fogo nos princípios do século XIX. No mesmo lugar foi construída outra casa espaçosa, mas de linhas simples e elegantes, onde se acedia a um airoso alpendre por uma bela escadaria.

Quando o último proprietário (Miguel Tinoco) morreu, em 1951, como não deixou geração e não fez testamento, a casa e as numerosas propriedades foram disputadas judicialmente por um conjunto de herdeiros colaterais, num litígio que reduziu a migalhas o abastado "morgadio". A capela, embora houvesse argumentos jurídicos para que a paróquia reclamasse a sua propriedade, foi no embrulho. E como a Fabriqueira não reclamasse a sua posse, os herdeiros a quem ela coube, primeiro retiraram as imagens, a seguir o retábulo de talha dourada e outras alfaias religiosas, e, depois, venderam-na com a casa ao emigrante José António Fernandes.

A propósito do desaparecimento desse património sacro, o jornal "Voz de Lanheses", escrevia em Janeiro de 1964:

"Há terras que, de tempos a tempos, são despojadas do pouco valor artístico que ainda possuem. Lanheses é uma dessas localidades. A capela que um antigo benfeitor (Pe. Francisco Alves) doara à freguesia passou para recheio de particulares. Como? Todos o sabem. Na transmissão da herança, a capela (já abandonada) ficou sem as imagens... Os novos donos venderam, recentemente, o riquíssimo altar renascença. Já saiu de noite... e pouca gente se apercebeu do "afastamento". Qualquer dia o que será daquele lugar sagrado?"

A seguir a esse despojamento, a capela entrou em acentuada ruína e a casa foi substituída por uma construção de fancaria e sem preocupações de enquadramento local ou histórico. Ainda lá está desocupada.

Quanto ao pequeno templo, em 1969, foi comprado aos herdeiros de José Fernandes pelo emigrante lanhesense António Araújo Franco de Castro que, logo, a ofereceu à paróquia.

Imediatamente se instituiu uma Comissão de Obras para proceder ao restauro, obras que ficaram concluídas por volta de 1990.

Dez anos depois, o Conselho Económico da Paróquia conseguiu um subsídio oficial para completar as obras de restauro que dotaram o templo com um altar para a celebração eucarística e incluiu arranjos urbanísticos exteriores com pavimentação em paralelo de toda a área envolvente.

O pequeno templo ostenta agora um excelente aspecto, servindo muitas vezes de capela mortuária e acolhendo, de vez em quando, algumas actividades culturais compatíveis com a natureza do edifício.